

Em apoio à Rússia, China enfrenta EUA

Pequim acusa a Casa Branca de adotar uma postura "imoral e irresponsável", após Washington anunciar punições contra Moscou devido ao reconhecimento de duas repúblicas separatistas na Ucrânia. Kiev declara estado de emergência nacional

Alinhada à Rússia, com a qual celebrou recentemente laços de amizade sem limites, a China fez, ontem, duras críticas ao papel de Washington na crise ucraniana, acusando o governo Joe Biden de alimentar a tensão no leste europeu após anunciar punições contra Moscou. "A questão-chave é saber qual papel os Estados Unidos desempenham. Alguém que joga lenha na fogueira e acusa os outros assume uma postura imoral e irresponsável", disparou Hua Chunying, porta-voz do ministério chinês das Relações Exteriores.

O medo de uma escalada militar às portas da União Europeia (UE) é cada vez maior. Diante da ameaça de uma invasão russa, o Parlamento ucraniano aprovou, por ampla maioria, a declaração do estado de emergência nacional. A medida, proposta pelo presidente Volodymyr Zelensky, foi votada horas depois de Moscou iniciar a evacuação de seu pessoal diplomático em Kiev e de um novo alerta americano sobre a iminência de uma ofensiva geral da Rússia contra a ex-república soviética.

Nos últimos dois dias, Estados Unidos, União Europeia, Reino Unido e outros países adotaram medidas contra Moscou, dirigidas, principalmente, a bancos, oligarcas e deputados, em resposta ao reconhecimento da independência de Donetsk e Lugansk, regiões separatistas do leste ucraniano. A mais contundente foi a decisão de Berlim de congelar a certificação do gasoduto Nord Stream 2. Já concluído, ele aumentaria o fluxo de energia da Rússia para a Alemanha.

Ontem, Joe Biden anunciou ações também contra a empresa responsável por operar o gasoduto. A Rússia, por sua vez, prometeu uma reação vigorosa à ofensiva americana. "Que não haja qualquer dúvida: haverá uma resposta forte a essas sanções, não necessariamente simétricas, mas bem calculadas e dolorosas para os Estados Unidos", declarou a chancelaria russa, em um comunicado.

Embora ainda se diga aberto a negociações, o presidente russo, Vladimir Putin, prometeu que não cederá em suas exigências na crise. "Os interesses e a segurança de nossos cidadãos não são negociáveis para nós", declarou o líder do Kremlin, em um breve



Veículos militares russos nas proximidades de Donetsk: aproximadamente 150 mil soldados mobilizados na fronteira

Os Estados Unidos não param de vender armas para a Ucrânia, aumentando a tensão e criando pânico

Hua Chunying, porta-voz do ministério chinês das Relações Exteriores

discurso exibido na televisão por ocasião do Dia do Defensor da Pátria. "Nosso país está sempre aberto a um diálogo direto e honesto para encontrar soluções diplomáticas aos problemas mais complexos", afirmou.

Desdobramentos

Com o apoio a Moscou, a diplomacia chinesa foi, ontem, na direção contrária da moderação demonstrada por Pequim na segunda-feira, quando pediu às partes que dessem "sinais de contenção". Hua Chunying também criticou os



Veículos militares russos nas proximidades de Donetsk: aproximadamente 150 mil soldados mobilizados na fronteira

americanos e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) por instalarem armas ofensivas perto da Rússia.

"Os Estados Unidos não param de vender armas para a Ucrânia, aumentando a tensão e criando pânico", criticou, indagando, em seguida, se "eles já pensaram nas consequências de encerrar uma grande potência". Respondendo a uma pergunta sobre a possibilidade de a China impor punições à Rússia, Hua acrescentou que "elas nunca foram um meio eficaz para resolver problemas".

As potências ocidentais avaliam

que a Rússia, que concentrou em torno de 150 mil militares em sua fronteira com a Ucrânia, pode lançar a qualquer momento uma ofensiva militar contra todo o país. Um alto funcionário do governo dos EUA assinalou, ontem, que o presidente da Rússia, Vladimir Putin, está "tão preparado quanto é possível estar" para uma invasão em larga escala, com "cerca de 100%" das forças militares necessárias já em posição.

Com a escalada das tensões, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, enfatizou que o

momento é de grande perigo para o mundo. Durante a abertura da Assembleia Geral, ele assinalou que o reconhecimento da independência de Donetsk e Lugansk viola a integridade territorial e soberania do país.

No front, a retomada dos combates entre o Exército e os separatistas continuou ontem. Um soldado ucraniano morreu em um bombardeio e outro ficou ferido, segundo o Exército. "Começaram a atirar com mais força", disse Dmitri Maksimenko, um mineiro de Krasnogorivka, uma cidade próxima à linha de frente ucraniana. Os separatistas de Lugansk anunciaram por sua vez a morte de um combatente e de um civil durante a noite.

O chanceler da Ucrânia, Dmytro Kuleba, pediu às Nações Unidas medidas "concretas e rápidas" para conter a situação. "O

» Papa pede moderação

O papa Francisco lamentou, ontem, a situação "cada vez mais preocupante" na Ucrânia, que põe a "paz de todos" em risco, em um momento em que aumenta o temor de uma escalada militar por parte da Rússia. "Peço a todas as partes envolvidas que se abstenham de realizar ações que possam provocar ainda mais sofrimento nos povos", ressaltou o pontífice, após sua audiência semanal. Francisco lançou um apelo "a todos os que têm responsabilidades políticas para que façam um sério exame de consciência diante de Deus, que é um Deus de paz, e não de guerra", assinalando que a Quarta-feira de Cinzas, início da Quaresma, será "um dia de jejum e de oração pela paz" na Ucrânia. "Que a Rainha da Paz salve o mundo da loucura da guerra", pediu.

início de uma guerra em grande escala na Ucrânia será o fim da ordem mundial como a conhecemos", alertou, enfatizando: "Queremos a paz".

Com o estado de emergência, as autoridades regionais ucranianas poderiam reforçar as medidas de segurança, impondo, por exemplo, controles de identidade mais estritos. A medida vai vigorar em todo o território, com exceção das regiões separatistas de Donetsk e Lugansk. "A situação é difícil, mas permanece sob nosso controle", assegurou o secretário ucraniano de Segurança e Defesa, Oleksiy Danilov.

Como precaução a uma invasão, o governo ucraniano desmontou os reservatórios de 18 a 60 anos e pediu aos cidadãos que estão na Rússia — cerca de três milhões de pessoas, segundo algumas estimativas — para saírem do país "imediatamente".

Nesse contexto de tensão, o vice-primeiro-ministro ucraniano, Mykailo Fyodorov, informou que o país estava sofrendo um novo ataque cibernético em massa contra seus sites oficiais. Uma ofensiva em larga escala contra a infraestrutura estratégica da Ucrânia é um dos cenários mencionados como prenúncio de uma ofensiva militar.

Onda de refugiados

A medida em que aumenta o temor de uma invasão russa na Ucrânia, cresce também a preocupação de que o ataque tenha como impacto um fluxo de centenas de milhares ou até de milhões de refugiados. E os países da União Europeia (UE) vizinhos da ex-república soviética começam a se preparar para essa possibilidade. Ontem, a embaixadora dos Estados Unidos na ONU, Linda Thomas-Greenfield, alertou que o conflito poderia provocar uma nova crise com até 5 milhões de pessoas deslocadas.

A Polónia, que tem uma extensa fronteira com a Ucrânia e acolhe cerca de 1,5 milhão

de seus cidadãos, expressou seu apoio ao país vizinho e sua vontade de ajudá-lo. Os planos estavam sendo analisados mesmo antes de Moscou reconhecer a independência das áreas controladas pelos rebeldes no leste ucraniano e das sanções ocidentais.

O primeiro-ministro polonês, Mateusz Morawiecki, criou um grupo de trabalho para definir as necessidades logísticas, de transporte, médicas e educativas para receber os refugiados ucranianos. "Estamos preparados para receber crianças e jovens nas escolas e os estudantes nas universidades polonesas", declarou



Moradores coletam água de um poço em Schastia, perto de Lugansk: até 5 milhões de deslocados

o ministro da Educação, Przemyslaw Czarnek.

A comissão da Interior da UE, Ylva Johansson, disse à agência France-Press (AFP) que a Comissão Europeia está disposta a fornecer apoio econômico à Polónia se necessário, assim como ajuda da agência europeia de asilo, da Europol e da agência de fronteiras da UE, a Frontex.

Também a Eslováquia, que compartilha sua fronteira oriental com a Ucrânia, tem planos para enfrentar "uma possível pressão dos refugiados", informou o ministro da Defesa, Jaroslav Nad. O ministro do Interior, Roman Mikulec, destacou que

há quatro campos de refugiados que poderiam receber os solicitantes de asilo ucranianos. "Se a situação exigir, também podemos utilizar as instalações de alojamento existentes no Ministério do Interior e em outros", afirmou.

A Romênia, um dos países mais pobres da Europa, não acredita que muitos ucranianos vão fugir para seu território em caso de conflito, mas assinalou que está pronta para acolher meio milhão. Mesmo a Hungria, cujo primeiro-ministro Viktor Orbán é conhecido pela sua linha dura contra a imigração, parece disposta a receber refugiados ucranianos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 9